

## **Marinheiros em luta: narrativas sobre a Revolta da Chibata em Livros Didáticos**

**Joana Gomes da Silva**

**Graduando/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense**

**João Henrique Zanellato**

**Professor/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense**

**Resumo:** A forma violenta como foi sendo implementado o Regime Republicano no Brasil provocou muitas guerras, tensões e revoltas. As camadas populares excluídas no novo regime, sem direitos e exploradas ao máximo se revoltaram e patrocinaram resistências de vários tipos e nas várias regiões do Brasil ao longo de toda a Primeira República (1889 – 1930). A Revolta dos Marinheiros foi um evento durante a Primeira República no Brasil (1889-1930), marcado por conflitos decorrentes da implantação do Regime Republicano. As camadas populares, marginalizadas e exploradas, se insurgiram contra a falta de direitos. Essa revolta foi parte de uma série de resistências em diversas regiões do Brasil durante esse período. Assim, a pesquisa teve como objetivo: Analisar como a Revolta da Chibata foi/é apresentada nos livros didáticos de história (atuais) utilizados pelos professores de história das escolas públicas municipais e estaduais brasileiras. Foram escolhidos três livros didáticos para a análise que compõe o rol de livros didáticos indicados pela PNLD, programa nacional do livro didático, para as escolas públicas escolherem. Utilizamos como aporte teórico para a análise dos livros a metodologia proposta por Circe Bittencourt. Seguindo a proposta da autora foram analisadas: a) aspectos formais; b) Conteúdos históricos escolares; c) Conteúdos pedagógicos.

**Palavras-chave:** Livros Didáticos, Revolta, Chibata, Primeira República, Marinha, Rio de Janeiro.

### **1. Introdução**

O artigo tem como objetivo analisar como a Revolta da Chibata foi/é apresentada nos livros

didáticos de história (atuais) utilizados pelos professores das escolas públicas municipais e estaduais brasileiras. Busca-se responder a seguinte questão: Quais narrativas aparecem nos livros didáticos de história atuais sobre a Revolta da Chibata? Conhecida também por Revolta dos Marinheiros, ocorreu em um contexto de muitas guerras e conflitos, relacionados a maneira como foi implantado o Regime Republicano no país. As camadas populares excluídas no novo regime, sem direitos e exploradas ao máximo se revoltaram e patrocinaram resistências de vários tipos e nas várias regiões do Brasil ao longo de toda a Primeira República (1889 – 1930). A revolta da Chibata se insere nesse contexto.

Conhecida como Revolta da Chibata ou dos Marinheiros, essa revolta ocorreu em um contexto de muitas guerras e conflitos relacionados à maneira como foi implantado o Regime Republicano no país. As camadas populares excluídas no novo regime, sem direitos e exploradas ao máximo se revoltaram e patrocinaram resistências de vários tipos e nas várias regiões do Brasil ao longo de toda a Primeira República (1889 – 1930). A revolta da Chibata se insere nesse contexto.

A análise dos livros foi produzida a partir do referencial de Circe Bittencourt (2008), que sugere a análise a partir de três dimensões: 1) aspectos formais; 2) conteúdos escolares; 3) conteúdos pedagógicos. O Estado brasileiro organiza e publica as diretrizes e os requerimentos para a compra dos livros, sendo atendido pelo mercado editorial nacional e estrangeiro, que produz e vende tais obras, conseguindo, com isso, expressivos ganhos financeiros, em um arranjo que caracteriza a produção de obras didáticas para a educação do País.

O livro didático, para Bittencourt (2008), é um dos mediadores do processo de aquisição do conhecimento, assim como um facilitador da apreensão de conceitos e domínio das informações. Ele contém uma linguagem específica das áreas abordadas pelas disciplinas que o contemplam. Além disso, se caracteriza pela construção técnica, obedecendo a critérios, como idade e vocabulários de acordo com os princípios pedagógicos.

Além de explicitar os conteúdos escolares, o livro didático é, ao mesmo tempo, suporte de métodos pedagógicos. Por conter exercícios, atividades, sugestões de trabalho em grupos, é uma forma de avaliação da apreensão do conteúdo escolar. Ainda segundo Bittencourt, tal característica de associar conteúdo e método de ensino explica a importância que o livro didático ocupa na constituição da disciplina de História e do saber escolar. O livro didático contém seus limites, suas vantagens e desvantagens. Com essa compreensão, esta pesquisa busca analisar os livros selecionados a partir dessa realidade.

É pertinente lembrar que os livros didáticos do 9º ano do ensino fundamental foram aprovados pelo **Programa Nacional de Livro Didático (PNLD)**, pelo edital de 2020, até então vigente ao seu uso no ambiente escolar. Pretende-se analisar como estes livros abordam a Revolta da Chibata. O Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) são os órgãos responsáveis pela realização do PNLD, são eles que avaliam, compram e distribuem as

obras didáticas para escolas públicas. A existência do PNLD justifica-se pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), elaborada em 1996, que garante a distribuição de material didático como parte do dever do Estado com a educação escolar pública.

Nessa pesquisa, foram analisados os seguintes livros didáticos: **Vontade de Saber História**, 9º ano: ensino fundamental, Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. Quinteto Editorial, 2018; **Teláreis**, 9º ano: ensino fundamental, Cláudio Vicentino, José Bruno Vicentino. Ática, 2018 e **Historiar**, 9º ano: ensino fundamental, Jaime Rodrigues. Saraiva, 2018.

A pesquisa está estruturada em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. Primeiro capítulo intitulado: Situando Revolta da Chibata e a trajetória de João Candido, o Almirante Negro. O segundo capítulo: Narrativas da Revolta da Chibata em Livros Didáticos de História. Nesse capítulo, eu faço a análise dos três livros didáticos.

### **Situando Revolta da Chibata e a trajetória de João Candido, o Almirante Negro**

A revolta da Chibata ocorreu entre membros da marinha brasileira no ano de 1910, na cidade do Rio de Janeiro, sob liderança de João Cândido Felisberto. Essa revolta foi determinante para o fim dos castigos corporais na marinha, uma das reivindicações dos revoltosos. O motim aconteceu entre 22 e 27 de novembro de 1910.

Pode-se afirmar que a Revolta da Chibata, durante um período foi invisibilizada, marginalizada e esquecida na narrativa oficial da história brasileira. Marco Morel é formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1985. Em 1990, completou o mestrado em História Social na mesma instituição. Posteriormente, em 1992, obteve outro mestrado em História pela Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne. Em 1995, concluiu o doutorado em História na mesma universidade em Paris. Em 2005, realizou o pós-doutorado em Ciências Humanas, com ênfase em História do Brasil Império, pela Universidade de São Paulo (USP/SP). Explica o processo de conquista de glória e subsequente esquecimento do líder do levante nos anais oficiais da História brasileira ao mencionar que: “[...] A figura de João Cândido tornara-se lendária já no período da revolta, quando era tratado como herói e surgiu seu apelido de Almirante Negro, mas com o passar das décadas foi sendo coberta com um manto de esquecimento” (2016, p. 14).

Isso ocorreu em parte para esconder a brutalidade e a injustiça que ocorreram na Marinha brasileira naquela época. No entanto, ao longo dos anos, surgiram esforços para resgatar e preservar a memória dessa revolta, destacando sua relevância na luta pelos direitos humanos e pela igualdade. Os primeiros escritores que tentaram narrar a insurreição foram barrados pela ditadura do Estado

O livro que tirou a Revolta do esquecimento foi *A Revolta da Chibata*, publicado pelo jornalista Edmar Morel em 1958. Foi Morel quem deu esse nome ao motim. Como não era considerado um episódio histórico, nem sequer tinha nome definido — ora aparecia como Revolta dos Marinheiros, ora como Revolta de João Cândido. Na ditadura militar (1964-1985), o assunto voltou a ser vetado. A obra de Morel foi logo recolhida das livrarias. Em 1974, a canção *O Almirante Negro*, de João Bosco e Aldir Blanc, sofreu censura e, para ser liberada, teve que ser rebatizada de *O Mestre-Sala dos Mares*. Nos versos da música, a expressão “Almirante Negro” precisou ser substituída por “Navegante Negro”. A Revolta da Chibata só começaria a entrar nos livros escolares na década de 1980. A abertura política que ocorreu na América Latina nas décadas de 1980 e 1990, conhecido como “onda democrática”, acontecia nesse período, vários países da região passaram por transições democráticas, abandonando regimes autoritários e ditatoriais. O presidente Ernesto Geisel, já desde o final da década de 70, acenava para a criação de condições de uma abertura política “lenta, gradual e segura”, a qual deveria levar o país, futuramente, a algum tipo ainda não claramente definido de governo civil, o que pressupunha o fim do militarismo.

De acordo com o historiador Álvaro do Nascimento, a Revolta da Chibata foi um episódio escondido durante tanto tempo por dois motivos principais: a) o primeiro, porque a revolta mostra que o povo brasileiro quer o diálogo com aqueles que estão à frente do Estado, mas pode se organizar, explodir e partir para a luta direta quando eles não escutam suas reivindicações; b) o segundo, porque ela revela a persistência do racismo na sociedade e derruba aquele velho mito de que o Brasil é uma democracia racial, onde as raças convivem em harmonia. A Revolta da Chibata passou décadas escondida porque o racismo estrutural só pode permanecer e se perpetuar quando a sociedade acredita que ele não existe e que o que vigora é essa democracia racial. Conforme Edmar Morel:

A marinha era elitista indo buscar seus oficiais nas camadas elevadas da sociedade imbuídos quase sempre de inequívoco conservador em comparação com o exército, mais próximo do povo, recrutado os oficiais na classe média. Não havia pessoal bastante para preencher totalmente as tripulações, permanecendo os vazios que exigem redobrado esforço da tripulação efetiva sem preparo despeço alguma as escravos ou filho de escravos constituir-se a tripulação na sua imensa maioria de negro e mulato escuros. (Morel, 1958, p. 12).

Como fica evidenciado na citação a marinha brasileira era extremamente elitista, sendo que seus oficiais eram constituídos por membros das elites da época enquanto os marujos eram formados por população pobre em sua maioria descendentes de escravos. Foi o caso da principal liderança da revolta - João Cândido. Esse nasceu no ano de 1880 em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul e com dez anos mudou-se para Porto Alegre aos cuidados do Almirante Alexandrino de Alencar, amigo da família do patrão de seu pai. Quatro anos mais tarde, João Cândido ingressaria como “grumete”, (termo pra se

referir a um jovem aprendiz de marinheiro). na marinha do Brasil, pelas mãos do próprio Almirante Alexandrino, (a marinha, na época, era destino de jovens excluídos e marginais da sociedade, negros em maioria. Era muito comum os rapazes chegarem à marinha indicados pela polícia). Eram forçados por autoridades e policiais, homens eram compelidos a servir na Marinha por nove a quinze anos. Durante esse período, recebiam salários-mínimos, viviam nos navios, enfrentavam conflitos com colegas indisciplinados e sujeitavam-se a punições, incluindo o uso da chibata. (Álvaro Pereira do Nascimento, (2010) p,13.

No ano seguinte foi destacado para trabalhar no Rio de Janeiro. Na capital, seu espírito de liderança logo o fez destacar-se perante os demais. Aos 20 anos já era instrutor de aprendizes-marinheiros. No início de 1900 tomou parte em uma missão na qual o Brasil disputou com a Bolívia o território do Acre. Estando empenhado na missão por 11 meses, contraiu tuberculose pulmonar e voltou para o Rio de Janeiro onde ficou internado no hospital da marinha por noventa dias. A Marinha iniciara um projeto de reaparelhamento naval revolucionário em 1904. Recuperado, em 1909, aos 29 anos João Cândido foi enviado junto a outros marinheiros para a Inglaterra, com o fim de familiarizarem com o equipamento do novo navio de guerra brasileiro batizado de Minas Gerais. As 24 embarcações foram construídas na Inglaterra e entre elas estavam os poderosos encouraçados Minas Gerais e São Paulo.

Lá, os marujos brasileiros entraram em contato com marinheiros ingleses, que compunham um dos mais politizados e organizados proletariados existentes no mundo. A partir de então, os marinheiros brasileiros passaram a questionar a situação da marinha no país. Os questionamentos ganharam popularidade e os marujos passaram a realizar reuniões e mostrar insatisfação com a situação. Quando as autoridades perceberam o clima de revolta instalado, João Cândido, reconhecido líder dos marujos, foi convidado a comparecer ao Palácio do Governo do então presidente Nilo Peçanha, que tentava fazê-lo aliado. Na reunião, o marujo resistiu à tentativa de aproximação e em nome dos marinheiros pediu o fim da chibata.

Em 22 de novembro de 1910, seis dias após a punição severa de 250 chibatadas a Marcelino Menezes, ocorreu a Revolta dos Marinheiros. Liderados por João Cândido, os marinheiros protestaram contra salários baixos, a falta de plano de carreira e, principalmente, contra o castigo brutal de chicotadas por falhas mínimas. A prática da chibata, herdada da marinha portuguesa, era realizada publicamente, exacerbando as condições precárias enfrentadas pela tripulação.

“Imediatamente outros três navios foram tomados por seus respectivos marinheiros: São Paulo, Deodoro e Bahia.”. (Álvaro Pereira do Nascimento (2010) pág.22. Então na noite de 22 de novembro, o comandante do Minas Gerais, Batista das Neves, participou do jantar a bordo de um navio de guerra francês que visitava o país Conversou ainda com seus auxiliares, mas teve interrompida a prosa por gritos de “Viva a liberdade” e “Abaixo a chibata”. Armou-se e procurou enfrentar seus oponentes junto com seus oficiais e mais alguns marinheiros que, presumivelmente,

remãram o barco que os trouxera do jantar. Batista das Neves e seus auxiliares começaram a cair ensanguentados enquanto outros fugiam ante a fúria dos amotinados.

Os revoltosos tomaram então dois encouraçados e apontaram-nos para a baía de Guanabara, pedindo pelo fim das chibatadas. As condições de trabalho e vida dos marinheiros naquela época eram extremamente precárias, e a brutalidade dos castigos físicos era uma prática comum na disciplina naval. A chibata era uma espécie de chicote de couro trançado com várias pontas, utilizada para punir os marinheiros que desobedeciam às ordens superiores ou cometiam infrações disciplinares. João Cândido liderou o couraçado Minas Gerais, maior navio de guerra brasileiro, recém-adquirido. Com o Minas Gerais, aliaram-se os encouraçados São Paulo e Bahia.

Após quatro dias de enorme tensão na Capital Federal, a Revolta chegou ao fim quando o governo concedeu anistia aos revoltosos. No entanto, ao final de dois dias deu-se início a um cruel processo de perseguição aos marinheiros. Vinte e dois marujos foram presos na Ilha das Cobras, sede dos Fuzileiros Navais, enquanto João Cândido seguiu trabalhando como marinheiro no Minas Gerais. Em 9 de dezembro deu-se início a um motim armado na Ilha, o que dividiu os marujos. João Cândido e alguns líderes da revolta de novembro posicionam-se contra o motim, julgando que este poderia enfraquecer a causa. Os amotinados são massacrados em menos de 24 horas. Muitos oficiais também terminaram mortos. (site Museo Afro Brasil).

Apesar de ter se posicionado contra a revolta na Ilha das Cobras, João Cândido foi preso ao desembarcar do Minas Gerais, sob a alegação de ter desobedecido ordens superiores. Novas levas de prisões de marinheiros superlotaram os presídios. O Almirante Negro foi então transferido, ao lado de outros dezessete marujos, para a Ilha das Cobras, onde todos foram trancados em uma solitária, no dia 24 de dezembro. No dia 26, ao abrir a cela, o oficial deparou-se com 16 dos presos mortos por asfixia em razão do cal (pó branco constituído principalmente de óxido ou hidróxido de cálcio, us. na construção civil, em cerâmicas, etc.), foi usado para desinfetar a solitária, ter penetrado no pulmão dos presos. Apenas João Cândido e o soldado naval João Avelino sobreviveram. O fato ficou marcado tragicamente na memória do Almirante Negro. (Site Museo Afro Brasil)

Embora João Cândido se opusesse à rebelião na Ilha da Cobra, foi preso ao desembarcar de Minas Gerais e acusado de violar ordens superiores. Uma nova rodada de prisões sobrecarregou a prisão, resultando na transferência do Almirante Negro e dezessete outros marinheiros para a Ilha da Cobra. No dia 24 de dezembro, eles foram colocados em uma cela separada. No dia 26, quando os guardas penitenciários abriram as celas, encontraram 16 presos sufocados devido à infiltração de cal usada para desinfecção nos pulmões dos presos. Apenas João Cândido e o soldado naval João Avelino sobreviveram. Este trágico incidente deixou uma lembrança dolorosa na memória do Almirante Negro.

Em 18 de abril de 1911, João foi transferido para o Hospital dos Alienados, sob o rótulo de

doente mental. Ali ele permaneceu durante dois meses, conseguindo passar relativamente bem, fazendo amizade com alguns enfermeiros e conseguindo, inclusive, que fizessem vista grossa para alguns passeios pela cidade. Na época, o diretor do hospital era o médico Juliano Moreira. Ao final de dois meses, sem justificativa plausível para sua permanência no hospital, Cândido foi levado de volta ao presídio na Ilha das Cobras.

Finalmente, após dezoito meses de prisão, João Cândido e os marujos, seus companheiros, foram levados ao Conselho de Guerra para serem julgados. No julgamento são defendidos por advogados contratados pela Irmandade da Igreja Nossa Senhora do Rosário, que nada cobram por seus serviços. Na madrugada do dia primeiro de dezembro de 1912 são absolvidos, mas excluídos da Marinha pelo Conselho de Guerra.

Ao sair da prisão, João Cândido encontrou-se sem dinheiro, abatido, com 32 anos e apenas a roupa do corpo. Após um curto tempo procurando emprego, foi acolhido pelo carpinteiro Freitas, que lhe ofereceu abrigo. Logo passou a namorar Marieta, uma das filhas do carpinteiro, e tornou-se conhecido das pessoas do bairro, que ficavam animadas em ouvir as histórias da Revolta.

Trabalhando no Porto, João Cândido encontrou lugar na tripulação do veleiro Antonico, que o marinheiro conduziu com maestria durante alguns meses pela costa brasileira, tornando-se inclusive comandante do barco depois do proprietário adoecer. Esta foi a primeira vez que João Cândido vestiu a farda de comandante. Casou-se na Igreja da Glória com a filha do carpinteiro que lhe deu abrigo. (Museo Afro Brasil)

A bonança do marinheiro, porém, durou pouco mais de um ano, quando João Cândido foi demitido do Antonico a pedido do comandante dos portos de Santa Catarina, Ascânio Montes, que era oficial do Minas Gerais durante a Revolta da Chibata e havia sido preso pelos revoltosos na ocasião. A partir daí, ao encontrar novo emprego na marinha mercante, João Cândido passou a ser sempre boicotado, ora pelo comandante do Porto de Santa Catarina, ora pela sua saúde, debilitada. Em 1917 a sua esposa vem a falecer, vítima de uma infecção intestinal.

Três anos se passam e João Cândido conheceu Maria Dolores, moça de 18 anos, pela qual se apaixonou. Os dois se casam e vão morar em São João de Meriti, subúrbio da capital federal. João Cândido passa então a trabalhar de madrugada na descarga de peixes na praça XV, enquanto procura ajudar Maria na criação de seus quatro filhos. A relação entre os dois, marcada por diversas brigas, tem um final trágico, quando, em 1928, Maria Dolores coloca fogo no próprio corpo em frente às duas filhas mais velhas do casal, Nuança, 8 anos, e Zelândia, 4 anos. (Museo Afro Brasil)

No ano seguinte, João conseguiria a guarda dos filhos e teria mais alguns meses de calma até ficar um dia preso em 1930, por supostas relações com líderes de esquerda que estariam conspirando contra Washington Luís. No mesmo ano passou a morar junto de uma nova mulher, Ana, enquanto sua saúde vai se tornando cada vez mais debilitada e frágil com o trabalho pesado na madrugada.

O monumento feito de bronze tem três metros de altura, em homenagem ao “Almirante Negro”, foi inaugurada no dia 22 de dezembro do 2007 em frente à Baía de Guanabara. A representação de João Cândido é esculpida como um herói, destacando suas habilidades, liderança e resiliência contra a opressão, verdadeiramente um "herói do povo". O monumento claramente busca reconhecer e imortalizar um símbolo de liberdade na memória coletiva nacional, materializando-o na forma de uma estátua. Assim, a escultura narra a história do levante dos marinheiros de maneira simples, refletindo a própria natureza assertiva do marinheiro.

Sempre atento a política, e sendo constantemente requisitado pelos líderes dos movimentos políticos do Brasil, João acompanhou entusiasmado o surgimento e a atuação do grupo de esquerda Aliança Nacional Libertadora. Mais tarde, animou-se ainda mais com a Ação Integralista Brasileira, grupo de direita que logo se espalhou entre praças e jovens da Marinha de Guerra. João chegou, inclusive, a filiar-se ao núcleo integralista da Pavuna, mas por fim acabou se decepcionando com o grupo e seu líder Plínio Salgado. Em 1964 foi derrotada a “Rebelião dos Marinheiros”, liderada pela Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB), que surgiu em 1962 lutando pelo direito da classe. Cândido tomou parte na Rebelião, ocorrida no prédio da associação e considerada por alguns a versão da década de 1960 da Revolta da Chibata. Em 06 de dezembro de 1969, aos 89 anos, João Cândido morreu vítima de um câncer no intestino. Nos anos finais de sua vida o Almirante Negro recebeu pensão da prefeitura da sua cidade natal, Rio Pardo. (Museo Afro Brasil)

Antes de iniciar as análises, trago uma breve biografia de Circe Bittencourt. Circe Maria Fernandes Bittencourt, licenciada e bacharel em História, dedicou muitos anos ao magistério no Ensino Fundamental e Médio. Obteve os títulos de mestre e doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Foi professora aposentada da Faculdade de Educação da USP, lecionando o curso de Metodologia do Ensino de História. Atualmente, atua como professora de pós-graduação no programa Educação: História, Política, Sociedade na PUC-SP, dedicando-se a pesquisas sobre a história da educação indígena, além de continuar suas investigações sobre história dos currículos, do livro didático e ensino de História na pós-graduação.

### **Narrativas da Revolta da Chibata em Livros Didáticos de História**

A justificativa de modo geral pela escolha desses livros foi que são utilizados pelas escolas públicas brasileiras a partir da seleção da PNLDB. Esses livros são posteriormente encaminhados pelas editoras para escolas e que são escolhidos pelos professores. Os livros analisados são analisados na versão do professor, analisando também as propostas de material extra. Podemos inferir que nesse processo ocorre um assédio das editoras que procuram induzir os professores a



escolherem seus livros. Trago também os seguintes questionamentos: qual o papel do professor?  
Qual o papel do livro didático?

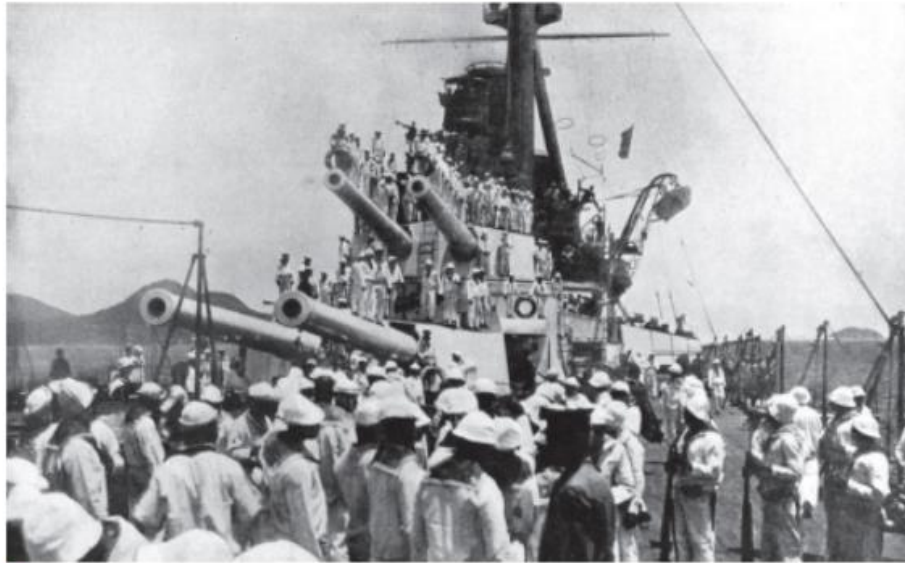
O papel do professor é multifacetado e fundamental no processo educacional. Segue abaixo algumas das funções essenciais desempenhadas pelos professores: Em um ambiente educacional em constante evolução, os professores precisam ser inovadores e adaptáveis. Isso inclui a incorporação de novas tecnologias, métodos de ensino diferenciados e abordagens pedagógicas atualizadas. Promotor do Pensamento Crítico: Os professores incentivam o desenvolvimento do pensamento crítico, estimulando os alunos a questionarem, analisarem e avaliarem informações de forma independente. Dentre inúmeros outros atributos. Já o livro didático, suas principais funções são: O papel principal de um livro didático é fornecer informações estruturadas e acessíveis sobre um determinado assunto, facilitando a compreensão e absorção do conhecimento pelos alunos. Assim como atuar como fontes organizadas de informação, apresentando conceitos de maneira acessível aos alunos. Além disso, eles servem como guias para os professores, auxiliando no planejamento das aulas, e contribuem para a padronização do currículo em sistemas educacionais, assegurando acesso consistente às informações fundamentais.

Como já exposto, os livros didáticos escolhidos para a análise foram: “Historiar” de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, publicado pela editora Saraiva; “Vontade de Saber História” de Adriana Machado Dias, Keila Grinberg e Marco César Pellegrini, publicado pela Quinteto Editorial e “História - Teláris” de Cláudio Vicentino e Bruno Vicentino, publicado pela editora Ática. A metodologia usada leva em conta uma abordagem exploratória e de análise que considera o modelo proposto por Circe Bittencourt. Os tópicos a seguir constituem-se da análise e levam como título o nome dos livros didáticos.

### **Livro didático: Historiar**

Este livro é do 9º ano do Ensino Fundamental, dos historiadores Jaime Rodrigues e Gilberto Cotrim, Editora Saraiva, 2018. Possui 4 unidades divididas e intituladas: 1º unidade: Brasil República; 2º unidade: Guerras e Revoluções; 3º unidade: Brasil Contemporâneo; 4º unidade: Pós-Guerra e Globalização. Cada unidade foi subdividida em 4 capítulos.

O capítulo 3 da 1º unidade intitulado: Revoltas na primeira república, tem 11 páginas, é onde a Revolta da Chibata é citada, a parte que se trata sobre a Revolta da Chibata é de uma página, sendo meia de texto e na outra metade uma imagem, Figura 1, com a seguinte legenda: “Rebeldes tomam o couraçado São Paulo durante a Revolta da Chibata. Rio de Janeiro, 1910.”



Rebeldes tomam o couraçado São Paulo durante a Revolta da Chibata. Rio de Janeiro, 1910.

### Figura 1

Na Figura disposta no livro podemos ver o encouraçado São Paulo tomado pelos marinheiros, o qual foram chamados de rebeldes;

Com o fim do império e início da república o Brasil vivia um período de transição que apresentava diferenças entre os ideais republicanos e a realidade vivida pela população o Brasil do início do século XX. O país vivenciou algumas revoltas que desmascararam o ideal de república abrangente e acolhedora a todos brasileiros, a insatisfação da população eclodido nas Revoltas da Vacina e da Chibata na de Canudos, Guerra do Contestado, e nas greves de trabalhadores, que reivindicavam melhores condições de vida como é o caso da greve geral do ano 1917. Com essa imagem podemos trazer a questão de que os marinheiros estavam cansados de tantos abusos por parte da marinha, pois eles não exigiam uma mudança radical, na sociedade nem pretendiam iniciar uma revolução social, apenas desejavam melhorias nas condições de vida, como garantia de salário e comida, e que posteriormente muitos morreram pela causa. Aos alunos realizem a análise dos textos e identifiquem o movimento como parte das lutas políticas por direitos no Brasil.

No que se refere à linguagem utilizada nas explicações, é possível perceber a tentativa dos autores de discorrer de forma simples e acessível para os alunos. No entanto, como eles não utilizam glossário, algumas palavras utilizadas poderão não ser compreendidas corretamente, necessitando a mediação do professor. E são trazidas algumas sugestões, no decorrer do capítulo, de obras complementares para leitura e de filmes, possibilitando que o aluno possa, através de seus estudos, comparar e diferenciar as perspectivas de abordagens sobre a Revolta. Em relação às atividades propostas pelos autores, de maneira a geral, elas não estimulam o questionamento. A maioria acaba induzindo a

O Capítulo três do livro didático trará a revolta, e não só ela o próprio capítulo se chama: Revoltas na Primeira República; este capítulo aborda a questão dos movimentos e das revoltas sociais ocorridas durante a Primeira República, bem como, as estratégias utilizadas pelos primeiros governos republicanos brasileiros para lidar com as reivindicações populares. O conteúdo do capítulo possibilita a compreensão de como o desrespeito pelos diferentes modos de pensar e agir, isto é, o desrespeito às diferenças (políticas, étnicas, religiosas, culturais) pode levar a consequências trágicas, como as que resultaram nos massacres de Canudos, Contestado e nas revoltas da Vacina e da Chibata, por exemplo. Além disso, diferentes formas de ação política podem ser confrontadas, considerando movimentos como a Coluna Prestes e o Tenentismo.

A implementação do Regime Republicano no Brasil, marcada por violência, desencadeou um cenário de guerras, tensões e revoltas. Essa transição política provocou profundas transformações sociais e econômicas que afetaram diretamente as camadas populares. Excluídas do novo regime, essas classes encontraram-se desprovidas de direitos fundamentais e sujeitas a uma exploração intensificada.

A falta de representação política e a ausência de mecanismos eficazes para a proteção dos interesses das camadas populares levaram a diversos levantes e resistências. Ao longo de toda a Primeira República, que compreendeu o período de 1889 a 1930, as revoltas foram disseminadas por várias regiões do Brasil. Esses episódios não foram apenas manifestações de insatisfação, mas representaram verdadeiros atos de resistência contra as injustiças sociais e econômicas impostas pelo novo regime.

Nesse contexto, grupos marginalizados uniram-se para reivindicar direitos básicos, melhores condições de trabalho e uma participação mais justa na vida política do país. As revoltas não foram apenas eventos isolados, mas sim parte de um movimento mais amplo em busca de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. A Primeira República brasileira foi, assim, palco não apenas de mudanças políticas, mas de intensas lutas sociais, marcadas pela resiliência das camadas populares diante das adversidades e da busca por uma participação mais ativa e justa na construção do futuro do país. Essas resistências desempenharam um papel crucial na configuração do panorama político e social do Brasil no início do século XX.

O texto começa com uma breve contextualização de questões da marinha, que eram comuns rebeliões, pois, a instituição mantinha normas antigas, como a chibatada. Fala também do estopim, e da tomada dos encouraçados, das exigências dos marinheiros, da traição do governo, dos

acontecimentos da ilha das cobras, e da memória popular que comemora a conquista do admirante negro, que finaliza o texto. O qual finaliza o texto. A escrita dos autores se apresenta em uma perspectiva marxista. Essa perspectiva fornece uma análise crítica da sociedade, da economia e da política, com ênfase nas relações de classe e nas estruturas de poder.

De modo geral observa-se uma tendência ao “ecletismo” nos livros didáticos, pois permeiam aspectos sociais, econômicos e políticos. No que tange as atividades destacamos a abaixo as seguintes proposições do livro.



João Cândido, ao centro, e os participantes da Revolta da Chibata, acompanhados do repórter Júlio do Nascimento, a bordo do couraçado São Paulo. Fotografia de 1910. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Agora, responda:

- a) O que motivou a Revolta da Chibata?
- b) Que punições João Cândido recebeu por ter liderado a Revolta da Chibata?
- c) Você tem o costume de assistir ou ler entrevistas? Dê exemplos de entrevistas que chamaram sua atenção.

Figura 2

**Fontes históricas**

5. **a)** De acordo com a entrevista, a revolta nasceu do desejo de acabar com os maus-tratos e a má alimentação, além de acabar definitivamente com a chibata na Marinha. Explique que o estopim da revolta foi uma condenação abusiva dada a um marinheiro: 250 chibatadas, dez vezes mais do que a pena máxima estabelecida nas normas da própria Marinha.

**b)** Segundo João Cândido, ele ficou detido em uma prisão da Marinha e também foi internado em um hospício para que não pudesse prestar depoimento nas investigações e, com isso, não pudesse se defender.

Figura 3

**c) Resposta pessoal.** Estimule os estudantes a assistir ou ler entrevistas. Comente que entrevistas, como a de João Cândido, são importantes fontes históricas.

Figura 4

Nessas atividades, na Figura 2, traz outra imagem dessa vez de um pequeno grupo de marinheiros, João Cândido ao centro, e outros participantes da Revolta da Chibata, acompanhados do repórter Júlio do Nascimento, abordo do encouraçado São Paulo. Fotografia de 1910. As atividades contidas nos capítulos não contribuem para apreensão dos conteúdos. Porém indica obras para a leitura. A relação entre proposta do conteúdo do capítulo e os exercícios, são baseados em textos e apenas de resposta memorizada, sem ter a possibilidade de ter um desenvolvimento do entendimento. Deixando apenas o entendimento da leitura e/ou explicação do professor. Por ser de resposta curta e objetiva não estimula o pensamento crítico sobre os acontecimentos da revolta.

Inclusive nessas atividades umas páginas depois, onde há atividades de outros temas discutidos no capítulo, achamos essas questões e acima, na qual se trata de uma entrevista dada por João Cândido, ao Museu de imagem e som, a entrevista disponível no livro é de três perguntas, e fala mais sobre a internação de João Cândido no hospital psiquiátrico, no livro pede pra que os alunos leiam com atenção para responder as perguntas da imagem, sendo perguntas de causa e consequência, e muito livres pra porem uma resposta curta, e, a última é pessoal, então fica para professor, se quiser fazer perguntas mais elaboradas caso queria um resultado melhor, das questões sobre a revolta.

### **Livro didático: História Telares**

“História - Teláris” de Cláudio Vicentino e Bruno Vicentino, publicado pela editora Ática.

São 4 unidades subdivididas em capítulos, o conteúdo da revolta da Chibata é do capítulo 3 da unidade 1, sendo intitulada “Entrada no Século XX”.

Sendo o início da república, com complicações e sequelas da Revolta da Vacina, nesse livro há questão do trabalho, greves com suas reivindicações. O primeiro contato com o conteúdo está na unidade um capítulo três, nominado: “Brasil: a construção da república”, de 27 páginas, a revolta está numa linha do tempo denominada República Oligárquica (1894-1930). Há meia página sobre a revolta, e um breve destaque sobre João Candido. O livro traz a ideia se possível, apresente trechos do filme sugerido, o Filme Curta citado no livro didático é o “Memórias da Chibata”, de 2005, a fim de que os estudantes possam compreender os motivos da Revolta da Chibata e refletir sobre as condições de trabalho da população negra nos dias atuais, e infelizmente o curta não está mais disponível na internet hoje em dia. E não há imagens nesse trecho do texto. E também traz a possibilidade de trabalharmos com o Museu Afro-Brasil pois eles têm no site a biografia de João Candido. O texto em si apresenta os conteúdos históricos que levam a contextualização e reflexão. As explicações, são simples, porém em comparação com os outros dois livros esse é o que menos tem texto escrito, sendo ele de apenas 16 linhas de conteúdo. Há um glossário na página, pra explicar as

palavras soldo e anistia, o que é bom, um ótimo recurso para palavras que não são usadas frequentemente, sendo apenas esse livro que usa desta ferramenta, na página analisada, pois nos outros dois eles não utilizam dessas palavras. E ainda assim são de uma linguagem clara e simples de entendimento.

O texto se apresenta em uma perspectiva do ecletismo, o ecletismo refere-se à prática de incorporar e combinar elementos de diferentes teorias, abordagens ou perspectivas para formar uma síntese ou uma visão mais abrangente. Quando aplicado a livros didáticos, isso implica que os autores podem adotar uma abordagem eclética ao apresentar conceitos e teorias, incorporando elementos de diversas correntes de pensamento. No âmbito das ciências sociais, onde temas sociais, econômicos e políticos muitas vezes estão interconectados, o ecletismo pode ser uma estratégia para oferecer uma compreensão mais completa e equilibrada de fenômenos complexos. Em vez de aderir rigidamente a uma única teoria ou perspectiva, os autores podem escolher elementos de diferentes abordagens para fornecer aos leitores uma visão mais abrangente e contextualizada.



Na foto, João Cândido Felisberto, o Almirante Negro. Foto de 1910.

- a) Escreva no caderno os versos da canção que se referem ao castigo da **chibata**.
- b) A letra da música descreve João Cândido de maneira positiva ou negativa? Justifique sua resposta citando as palavras usadas pelos compositores para qualificá-lo.
- c) O mestre-sala das escolas de samba é aquele que dirige, que "puxa" a apresentação da escola. Por que João Cândido é chamado de "mestre-sala dos mares" no título da canção?

- ▶ ganha novo sentido com a musicalidade dos instrumentos e a interpretação do cantor.
- a) "Rubras cascatas / Jorravam das costas dos santos / Entre cantos e **chibatas**".
- b) Positiva. As palavras usadas pelos autores para qualificá-lo são "dragão do mar", "bravo feiticeiro" e "dignidade".
- c) Porque João Cândido desempenhou o papel de líder da Revolta da **Chibata**, "puxando" os companheiros no movimento.

Figura 5

Figura 6

As atividades contidas nos capítulos contribuem para apreensão do conteúdo, na relação entre a proposta do conteúdo do capítulo e os exercícios, nessas atividades, o foco principal é na música, “Mestre Sala dos Mares”, em relação a canção, ela celebra a figura de João Cândido, o “Mestre-Sala dos Mares” refere-se ao apelido dado a João Cândido, destacando-o como um líder forte e destemido, navegando em mares tumultuosos em busca de justiça.

A letra da música descreve a Revolta da Chibata e faz alusões à coragem de João Cândido e à luta contra a opressão. Ela também critica a repressão e a censura da ditadura militar, usando a história de João Cândido como uma metáfora para a resistência contra o autoritarismo.

O próprio livro traz a letra da música, o qual lhes é pedido é pra trazer trechos da música, que faça o aluno ver a música com outros olhos, dessa vez mais atentos ao sentido por traz da letra. A imagem aqui disponível é do próprio almirante negro, pra que eles tenham melhor compreensão já que seu nome e fama agora tem um rosto. Em relação ao texto, não há atividades, porém trabalhando com a música já temos um bom repertório e, caso necessário, o professor titular pode trazer atividades por conta própria. Os exercícios possibilitam a reflexão.

O Filme Curta citado no livro didático é o “Memórias da Chibata”, do ano de 2005, com duração de 15 minutos. Sua sinopse: “Jucá, um garoto negro, vê os amigos e a mãe sendo agredidos pelo padrasto, sem poder fazer nada contra isso, mas quando sabe que é bisneto de João Cândido, líder da rebelião dos marinheiros contra os golpes de chibata adotados pela Marinha do Brasil até 1910, toma uma atitude extrema para mudar o rumo de sua vida.” (não é possível achá-lo online hoje em dia pra exibição). Então quem utilizar desse livro e procurar esse material terá de utilizar outro, já que esse não está disponível.

Em relação à canção, celebra a figura de João Cândido, líder da Revolta da Chibata em 1910, e exalta sua coragem e determinação em lutar pelos direitos dos marinheiros e contra as práticas cruéis de punição na Marinha brasileira. O “Mestre-Sala dos Mares” refere-se ao apelido dado a João Cândido, destacando-o como um líder forte e destemido, navegando em mares tumultuosos em busca de justiça. A letra da música descreve a Revolta da Chibata e faz alusões à coragem de João Cândido e à luta contra a opressão. Ela também critica a repressão e a censura da ditadura militar, usando a história de João Cândido como uma metáfora para a resistência contra o autoritarismo. A canção tornou-se um hino de resistência e um símbolo da luta pelos direitos humanos no Brasil. A canção foi interpretada por diversos artistas ao longo dos anos e é lembrada como uma homenagem à memória de João Cândido e à sua luta por justiça e igualdade. Também destaca a importância da música como uma forma de expressão artística e política na sociedade brasileira.

A música também desempenha um papel educativo ao destacar um episódio histórico importante na história do Brasil, tornando-se uma ferramenta de aprendizado sobre a Revolta da Chibata para



muitos brasileiros. No geral, “O Mestre-Sala dos Mares” é uma obra musical que transcende seu tempo e se mantém relevante como um hino de resistência, uma expressão da história e um lembrete da importância da arte na promoção da justiça e dos direitos humanos.

### **Livro didático: Vontade de Saber História**

Neste livro do 9º ano do ensino fundamental, os autores são: Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. Tem por editora a Quinteto Editorial, e foi publicado no ano de 2018.

Há 12 Capítulos, no capítulo 2, “O início da república no Brasil”, de 24 páginas, a Revolta dos Marinheiros tem duas páginas, seguido também dos conteúdos de Revolta da Vacina e Canudos. O texto da Revolta da Chibata divide espaço com uma imagem do jornal Gazeta de Notícias falando da soltura de João Cândido da prisão. Tendo também um destaque na unidade sobre o cotidiano Afro-cultural. Apresentação dos conteúdos históricos em textos com o intuito de provocar contestações e reflexões, revelando uma narrativa que permite questionamentos, reflexões e problematizações. O texto começa com uma introdução de questões da marinha, que apesar de possuir navios de guerra mais modernos do mundo, os marinheiros permaneciam submetidos a leis herdadas do período escravista, que permitia punições como chibatadas, que gerava constante descontentamento nos marujos, falando também das reivindicações, e por fim desse texto sobre a prisão dos marujos e de João Cândido, dizendo que ele mesmo expulso da marinha continuou participando ativamente de movimentos políticos até sua morte.

No outro texto referente a revolta temos, o depoimento de João Cândido, o qual traz mais explícito a questão do estopim, as 250 chibatadas em Marcelinho Menezes.





**Figura 7**

A imagem é do Jornal Gazeta de Notícias, de 31 de dezembro de 1912, noticiando a soltura de João Cândido. Embora no livro ela esteja apenas como apenas uma ilustração, pois não há nenhuma atividade ou texto introduzindo esse material, mas no mesmo capítulo temos o depoimento de João Cândido, ele sim foi usado nas atividades. Imagem abaixo é retirada do livro;

- a) Com base no conteúdo estudado no capítulo, responda: a que levante esse texto faz referência? **Revolta da Chibata.**
- b) Quem é o autor do texto? Como você chegou a essa conclusão?
- c) Que fato acabou antecipando o início do levante para o dia 22 de novembro?
- d) Descreva como se desenvolveu esse levante.  
**Veja a resposta da questão nas orientações ao professor.**

**Figura 8**

Na atividade número sete aborda o contexto da revolta dos marinheiros, apresentando aos alunos a leitura de um documento da época (o depoimento de João Cândido). As atividades não contribuem para compreensão do conteúdo pois não possibilitam ao aluno comparar e identificar semelhanças e diferenças entre acontecimentos. Como material extra, o livro não indica obras para a leitura, assim como vídeos e músicas. A relação entre a proposta do conteúdo do capítulo e os exercícios é a seguinte: são baseados no texto que levam somente à memorização. A escrita dos autores traz a perspectiva “ecletismo”, quando utilizada na elaboração de livros didáticos, isso significa que os autores podem adotar uma abordagem eclética ao introduzir conceitos e teorias, incorporando

## 2. Considerações Finais ou Conclusão

A Revolta da Chibata foi um dos primeiros movimentos organizados por trabalhadores no Brasil e serviu como um precedente importante para futuras lutas por direitos trabalhistas e sociais no país. Ela inspirou outros movimentos de trabalhadores que buscavam melhores condições de trabalho e uma maior participação nas decisões que afetavam suas vidas. Como legado, a revolta teve um impacto duradouro na Marinha brasileira, o fim dos castigos físicos marcou o início de mudanças nas práticas disciplinares da instituição. Além disso, João Cândido e os outros líderes da revolta foram libertados e anistiados, e a revolta em si é lembrada como um marco na história da luta contra a opressão e a discriminação.

Em resumo, a Revolta da Chibata foi um evento histórico significativo que teve um impacto profundo na história do Brasil, tanto no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores quanto à luta contra a discriminação racial e social, simbolizando a resistência contra a opressão e a busca por justiça e igualdade. A história de João Cândido e a Revolta da Chibata continuam sendo estudadas e celebradas no Brasil como exemplos de resistência contra a injustiça e a luta por direitos fundamentais, sua coragem e determinação inspiram gerações subsequentes a defenderem os valores da igualdade e da justiça. João Cândido, o Almirante Negro, é lembrado como uma figura heroica e inspiradora na história do Brasil, que desafiou a opressão e a discriminação racial, além de ter contribuído para a luta por direitos humanos e trabalhistas no país, sua história continua a ser um exemplo de coragem e perseverança para muitos brasileiros.

Podemos notar que cada livro abordou de um jeito, pois no fim com base nas análises foi bem escolhido, pois o livro é feito por pessoas e não deve se ter por verdade única, e sim como um material de apoio. Nos livros há algumas ideias de atividades, e materiais auxiliares, porém é pouca coisa e sem pensamento crítico, lembrando, que os livros foram analisados na versão para o professor, há uma boa estrutura nos textos. O legado da Revolta da Chibata perdura como um exemplo inspirador de como a determinação e a união podem levar à mudança e à conquista de direitos fundamentais. Além disso, a revolta destacou a importância de enfrentar a discriminação racial e social, reforçando a necessidade de justiça e igualdade em uma sociedade. A Revolta da Chibata é um lembrete de que a voz dos oprimidos pode ecoar e promover mudanças significativas, independentemente das adversidades enfrentadas.

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, doaram um pouco de si para que a conclusão deste trabalho se tornasse possível. Agradeço à minha mãe, que é minha inspiração. Sou grata ao meu pai e aos meus irmãos, por acreditarem no meu sonho, me incentivarem nos momentos difíceis e que compreenderam a minha ausência enquanto me dedicava à realização deste trabalho. Vitória e Celine, sem vocês eu teria enlouquecido, obrigada por serem tão companheiras. Agradeço a todos meus mestres, principalmente meu orientador e professor Zanellato, pelas correções e pelo meu processo de formação profissional. Assim como a coordenação do Curso de História, muito obrigada por todo apoio e suporte.

"Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra."  
- Anísio Teixeira.

#### **4. Referências**

Alba Valéria Mendonça, Cláudia Loureiro e Edimilson Ávila, G1 Rio e TV Globo, 04/05/2020

A INVENÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA. (2023). recuperado setembro 11, 2023, de [edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4609015](https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4609015)

BOSCO, João; BLANC, Aldir. O mestre-sala dos mares.

CARVALHO, José Murilo de. Os bordados de João Cândido. In. História, ciências e saúde Manguinhos II. 68 – 84. julho – outubro de 1995. PDF

História sociedade & cidadania: 9o ano: ensino fundamental: anos finais / Alfredo Boulos Júnior. — 4. ed. — São Paulo: FTD, 2018.

DO NASCIMENTO, Álvaro Pereira. A Revolta da Chibata e seu centenário. Perseu: História, Memória e Política, n. 05, 2010.

FERREIRA, Geisa Oliveira Balbino. Revolta da Chibata e João Cândido: olhares e perspectivas na História Escolar, Rio de Janeiro: 2023.

GRANATO, Fernando. João Cândido. São Paulo: Selo Negro, 2010

Histórias, 9º ano: ensino fundamental, anos finais/ Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues. -- 3. ed. -- São Paulo: Saraiva, 2018.

JOAO CANDIDO. 2023, [www.mpsp.mp.br](http://www.mpsp.mp.br) acessado 11 Sep. 2023.

MOREL, Marco e ALMEIDA, Sílvia Capanema P. de. O almirante branco. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ed. nº 53, p.38-39, 2010.

MOREL, Edmar. A revolta da chibata/Edmar Morel. -4. Ed. - rio de janeiro: edições graal, 1986.

MILTÃO, Milton Souza Ribeiro, et al. "Considerações Gerais sobre o Uso dos Livros Didáticos a partir da Experiência de Professores em Sala de Aula no Nível Médio." *Caderno de Física da UEFS* 4.01 (2006).

NETO, José Miguel Arias. João Cândido 1910 – 1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. PDF

ROLAND, M. Revolta; SILVA, M. João Cândido.

SOUSA, Cláudio Barbosa de et al. Marinheiros em luta: a Revolta da Chibata e suas representações. 2012.

SILVA, Daniel Neves. "Revolta da Chibata"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolta-chibata.htm>. Acesso em 12 de setembro de 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 330.

Teláris história, 9º ano: ensino fundamental, anos finais/ Claudio Vicentino, José Bruno Vicentino. - 1. ed. -- São Paulo: Ática, 2018.

Vontade de saber: história: 9º ano: ensino fundamental: anos finais / Adriana Machado Dias, Keila Grinberg, Marco César Pellegrini. - 1. ed. - São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

## 5. Referências imagens:

Figura 1: Encouraçado São Paulo, 1910. Disponível em:

<https://imagens.brasil.eipais.com/resizer/ryfq7YiwZsd09RXCKmjRDL3dUAk=/1200x0/cloudfront-eu-central-1.images.arcpublishing.com/prisa/FSGGZAGGDNEMNM6FJXZG3VGHSL.jpeg>

Acessado em: 12\09\2023.

Figura 2: João Cândido, marinheiros e o jornalista Júlio do Nascimento, 1910, pág. 51, livro didático: Historiar. Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/revolta-chibata-almirante-negro.html> Acessado em: 21\09\2023.

Figura 3: Resposta de atividades, livro didático: Historiar. Pág.51. Disponível em: [PNLD20 Historiar 9ano PR.pdf - Google Drive](#) acessado em: 20\08\2023.

Figura 4: Resposta de atividades, livro didático: Historiar. Pág. 50. Disponível em: [PNLD20 Historiar 9ano PR.pdf - Google Drive](#) acessado em: 20\08\2023.

Figura 5: João Cândido, livro didática: História Teláris. Pág. 71. Disponível em: [PNLD20 Telaris Historia 9ano PR.pdf - Google Drive](#) acessado em: 20\08\2023

Figura 6: Atividade, livro didático: História Teláris. Pág. 71. Disponível em: [PNLD20 Telaris Historia 9ano PR.pdf - Google Drive](#) acessado em: 20\08\2023

Figura 7: Jornal Gazeta de Notícias, 1912. Livro didático Vontade de Saber História, Pág. 53. Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/OIP.yeTL8Y9SXDnsOuJpocVliAAAAA?pid=ImgDet&rs=1> Acessado em: 19\09\2023.

Figura 8: Livro didático Vontade de Saber História, Pág. 53. Disponível em: <https://th.bing.com/th/id/OIP.yeTL8Y9SXDnsOuJpocVliAAAAA?pid=ImgDet&rs=1> Acessado em: 19\09\2023.